

ALGUNS SENTIDOS SOBRE O “CORPO” NA OBRA *A CIDADE DAS DAMAS*¹

Some meanings about the “body” in The Book of the City of Ladies

Camila Kulkamp²

RESUMO

Meu objetivo neste artigo é investigar os sentidos sobre o “corpo” na obra *A Cidade das Damas* (1405) da filósofa Christine de Pizan. Mais especificamente, tenho como ponto de partida algumas questões: como Pizan fala sobre os corpos das mulheres? E os corpos dos homens? Em que parte da obra Pizan fala sobre os corpos? Qual a importância da discussão sobre os corpos nesta obra? Pizan utiliza a palavra “corpo” apenas para designar corpos orgânicos e físicos? Existem outros sentidos empregados? A partir destas perguntas, identifico e apresento cinco discussões que Christine de Pizan formula no *Livro Primeiro* de *A Cidade das Damas*: 1) a ideia do “corpo feminino inferior” pensado e construído pelos homens; 2) o argumento de que os corpos dos homens são frágeis em algum momento da vida; 3) a defesa do corpo de Eva; 4) o argumento de que a autoridade do corpo provém da virtude e não do sexo ou da força física, e; 5) a discussão sobre a força física do corpo masculino e a relação com o poder judiciário. Concluo que a reflexão sobre a ideia de “corpo” é fundamental para a compreensão da obra. Não é coincidência de que este é o tema de abertura e que Pizan constrói a introdução do seu livro apresentando a ideia do “corpo feminino inferior” que aparece na tradição da literatura e filosofia escritas pelos homens do seu tempo, e que Pizan desenvolve a história da construção dessa cidade de mulheres a partir da discussão sobre os sentidos atribuídos aos corpos de mulheres e homens.

Palavras-chave: Pizan. *A Cidade das Damas*. Corpos. Autoridade. Mulheres.

ABSTRACT

My aim in this article is to investigate the meanings of the “body” in the book of the *City of Ladies* (1405) by the woman philosopher Christine de Pizan. More specifically, I start with some questions: how does Pizan talk about women’s bodies? And the bodies of men? In what part of the work Pi-

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.253175>

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharela em Direito (CESUPA). Especialista em Filosofia da Educação (UFPA). Mestra em Ciência Política (UFPA). Doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. Integrante do projeto “Uma Filósofa por Mês” e “Grupo Christine de Pizan” (UFPB). E-mail: camila_kulkamp@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7933-4462>.

zan talks about bodies? What is the importance of the discussion about bodies in this work? Does Pizan use the word “body” only to designate organic and physical bodies? Are there other senses employed? From these questions, I identify and present five discussions that Christine de Pizan formulates in Book One of *The City of Ladies*: 1) the idea of the “inferior female body” thought and constructed by men; 2) the argument that men’s bodies are fragile at some point in life; 3) the defense of Eve’s body; 4) the argument that the body’s authority comes from virtue and not from sex or physical strength, and; 5) the discussion about the physical strength of the male body and its relationship with the judiciary. I conclude that reflection on the idea of “body” is fundamental for understanding the work. It is no coincidence that this is the opening theme and that Pizan builds the introduction of her book presenting the idea of “the “inferior female body” that appears in the tradition of literature and philosophy written by the men of her time; and that Pizan develops the story of the construction of this city of women from the discussion about the meanings attributed to the bodies of women and men.

Key-words: Pizan. The City of Ladies. Bodies. Authority. Women.

Introdução

Por que escrever sobre o corpo a partir de uma obra de uma filósofa medieval que discorre acerca de uma cidade construída, habitada e governada por mulheres? Pode parecer estranho pensar que o corpo humano seja um conteúdo relevante em *A Cidade das Damas*, obra escrita por Christine de Pizan em 1405. Mas na verdade, faz muito sentido pensar sobre o corpo a partir do pensamento de Pizan, pois ela foi a primeira filósofa a escrever um livro inteiro utilizando a metáfora do corpo político, em *Le livre du corps de policie*³ (1404-1407).

³ O título pode ser traduzido para o português como *O livro do corpo político*. Observem que o livro foi escrito entre 1404 e 1407, e que *A Cidade das Damas* foi escrito em 1405. *O livro do corpo político* é dividido em três partes (*Part I: On Princes; Part II: On Nobles and Knights; Part III: On the Common People*). Na primeira parte, Pizan dá conselhos e discorre sobre a educação e as virtudes do príncipe. Na segunda, a filósofa aconselha os membros da nobreza e da cavalaria. E na terceira parte, traz considerações para as pessoas comuns. Trata-se de um livro do gênero “espelho de príncipe”, comum no medievo, que apresenta ideias que derivam a sua autoridade de autores da antiguidade e inúmeros *exempla* ou a exemplificação de conteúdos morais e políticos a partir de relatos e histórias. Cary Nederman (2005 e 2009) afirma que Pizan apresenta uma concepção de corpo político mais distante da rigidez clerical e das hierarquias da época, trazendo, portanto, contribuições que devem ser consideradas inovadoras. Considero importante comentar ainda que Pizan pouco fala sobre as mulheres nesta obra. As obras em que ela mais cita as mulheres são *A Cidade das Damas* e *Le Livre des trois vertus à l'enseignement des dames* (que pode ser traduzido como *O livro das três virtudes para o ensino das damas*).

Quando Pizan pensava na política ela fazia através da metáfora do corpo, utilizada na Antiguidade e no Medievo por autores variados, como Aristóteles, John de Salisbury, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Dante, Giles de Roma, Marsílio de Pádua, John Fortescue, Nicolau de Cusa, entre outros. A metáfora do corpo servia para explicar a constituição política de uma sociedade. A imagem orgânica do corpo ajuda a explicar a função social, econômica e política de cada grupo social e a relação hierárquica existente entre as pessoas. Por exemplo, o rei representava a cabeça, pois ele comandava; os cavaleiros eram os braços, que defendiam a vontade do rei; e os trabalhadores eram os pés, que sustentavam o corpo.

Ocorre que, especificamente, na obra *A Cidade das Damas*, Pizan não utiliza de forma explícita a metáfora do corpo, mas sim a metáfora da construção arquitetônica da cidade, em que cada movimento na construção da cidade revela a própria construção argumentativa do livro (que também é uma “obra”) da filósofa. Isso me faz questionar onde estão as mulheres dentro da metáfora do corpo político? E por que Pizan, ao se dirigir a um público feminino, muda a metáfora do corpo para a metáfora arquitetônica?

Uma possível resposta é que o corpo político não deve ser fundado na imagem de um corpo sexuado específico⁴. Que fundar a imagem do corpo político nas virtudes e valores associados ao corpo masculino é uma prática excludente, com consequências que atingem, por exemplo, o reconhecimento da cidadania das mulheres. Mas as cidades e os espaços construídos devem ser imaginados, pensados e sentidos por todas as pessoas, especialmente pelas mulheres, como forma de extrapolar o “patriarcado escrito na pedra” (KERN, 2021, p. 29).

Apesar de Pizan não utilizar a metáfora do corpo em *A Cidade das Damas*, para minha surpresa, constatei que a filósofa cita a palavra “corpo” muitas vezes (cerca de *cem vezes*) nesta obra. Por esse motivo, decidi investigar as discussões que ela apresenta sobre essa temática. Limitei a minha exposição em alguns exemplos presentes no *Livro Primeiro* de *A Cidade das Damas*. Apresento, ao longo do texto, cinco reflexões que Christine de Pizan formula na parte inicial deste livro: 1) a crítica da crença de um corpo

⁴ E talvez nem em um corpo humano apenas, mas em um corpo metamórfico que possa abranger a relação entre todos os seres.

feminino inferior pensado e construído pelos homens; 2) o argumento de que os corpos dos homens também são frágeis em algum momento da vida; 3) a defesa sobre o corpo de Eva; 4) o argumento de que a autoridade do corpo provém da virtude e não do sexo ou da força física, e; 5) a discussão sobre a força física do corpo masculino e a relação com o poder judiciário.

Espero demonstrar com essas discussões que as ideias que Pizan tem sobre o “corpo” são fundamentais para a compreensão da obra *A Cidade das Damas*. Não é coincidência de que este é o tema de abertura da obra. Pizan constrói a introdução do seu livro apresentando que a tradição literária e filosófica escrita pelos homens defende variadas crenças de que o corpo feminino é inferior e, a partir daí, a filósofa desenvolve a história da construção dessa cidade de mulheres com uma discussão sobre os sentidos atribuídos aos corpos das mulheres e dos homens.

1 O corpo feminino inferiorizado pelos homens

Pizan utiliza a palavra “corpo” pela primeira vez no primeiro capítulo do livro, intitulado *Aqui começa o Livro da cidade das damas, cujo primeiro capítulo narra como e com qual propósito este livro foi escrito*. Assim Cristina⁵, a personagem narradora do livro, expõe:

Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus, tristemente aflita, na medida em que em minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um *corpo feminino*.⁶ (PIZAN, 2006, p. 121, grifo meu)

Antes desse excerto, Cristina identifica uma lista longa de filósofos, poetas e moralistas que falam com a mesma voz e chegam à conclusão que a mulher é um ser profundamente má e inclinada ao vício. A forma como ela utiliza a palavra “corpo” neste momento é muito interessante, pois não se trata apenas do corpo físico do sexo feminino, mas do corpo feminino que é inferiorizado e que está exposto nos escritos de homens ilustres, doutores

⁵ Utilizo o nome “Cristina” para tratar da história e “Pizan” para discorrer sobre o pensamento da filósofa.

⁶ É preciso localizar o contexto em que Pizan escreveu. Na França do século XV, os conceitos correntes eram diferentes, tais que abarcavam corpo feminino e masculino, corpo de homem e de mulher, corpo de fêmea e de macho. Não havia nessa época uma discussão teórica difundida como atualmente temos sobre os gêneros e sexos para além da binaridade.

importantes, clérigos, filósofos, poetas e moralistas que dizem coisas abomináveis sobre as mulheres.

É sobre esse corpo criado pelos homens que Pizan começa a refletir e é com esse corpo que ela abre a sua obra. Esse corpo feminino que não é inferior por natureza, mas que foi inferiorizado, desperta pensamentos sombrios em Cristina, bem como, desgosto, aflição, letargia, consternação e desprezo por si mesma e todo o sexo feminino, como se as mulheres tivessem sido geradas “monstros por natureza” (PIZAN, 2006, p. 120). Logo compreendemos com Pizan que o problema não está no corpo feminino em si, mas na difamação categórica que recai sobre as mulheres e do qual este corpo é alvo, o que gera um tipo de relação conflituosa e de sofrimento da mulher com o seu próprio corpo.

Não menos importante é como Cristina expressa os conflitos que esse corpo feminino inferiorizado acarreta na personagem, justamente porque esse corpo destoava do que Cristina sabe com base no conhecimento e na experiência sobre a natureza e conduta das mulheres. Neste ponto, entendo que Pizan busca contrapor a tradição dos escritos e do conhecimento dos homens sobre as mulheres com o conhecimento e a experiência que as mulheres possuem sobre os seus próprios corpos, quando Cristina diz: “eu estava me baseando mais no julgamento de outrem do que o que eu mesma acreditava e conhecia” (PIZAN, 2006, p. 120). Cristina, que nasceu mulher e conviveu com outras mulheres, resiste em acreditar na veracidade das alegações que informam que as mulheres são seres vis e maus.

Cristina questiona se essas afirmações abomináveis sobre as mulheres são verdadeiras, mas o ponto interessante desta parte do livro, é que Pizan ainda segue a narrativa a partir da lógica do corpo feminino inferiorizado ao discutir se Deus, um ser tão sábio, poderia ter errado ao criar um corpo feminino, que é considerado tão abominável. Primeiro, a personagem questiona como Deus, um ser com perfeita bondade e sabedoria, poderia criar algo que não fosse bom, levantando o argumento teológico de que Deus não erra; segundo, Cristina pergunta como ela pode questionar o que os homens dizem, quando a própria sabedoria teológica prega que o testemunho de muitos homens garante a credibilidade de um fato; por fim, Cristina questiona por que Deus não a colocou no corpo de um homem para

que ela pudesse desenvolver suas inclinações, já que esse corpo masculino é o corpo que não se engana e é considerado perfeito.

Neste tópico, é particularmente importante notar como Pizan parece seguir a lógica da inferiorização do corpo feminino, mas, tão somente, para fazer a denúncia da *idealização do corpo masculino* tomado como o corpo exclusivamente perfeito e do corpo feminino construído como algo inferior. Cristina fala com ironia sobre o desejo dela de que Deus a tivesse possibilitado nascer homem, para que ela pudesse desfrutar de toda a perfeição que os homens dizem ter. É tanto irônica que, Cristina fala sobre a loucura da sua própria situação, de Deus a ter colocado em um corpo feminino.

A personagem termina essa reflexão e o capítulo ainda utilizando da ironia, ao afirmar que se essa foi a vontade de Deus, dar a Cristina um corpo feminino, e que se Deus não estendeu sua bondade até ela, então, Deus deve perdoá-la por sua negligência ao servi-lo, na medida em que “o servidor que menos recebe do senhor, menos é obrigado a servi-lo” (PIZAN, 2006, p. 120-121). Ou seja, se o que os homens falam é verdade e se o próprio Deus criou o corpo feminino como inferior, então as exigências em torno da sabedoria e da perfeição sobre as mulheres deveriam ser menores. E se assim compreendêssemos, não deveria haver, portanto, tanta difamação e repreensão sobre a natureza e o comportamento das mulheres. Afinal, por que os homens haveriam de despender tanto trabalho com alguém que tão pouco pode oferecer ameaça à tal perfeição masculina?

2 “Corpo frágil de mulher”? Em algum momento da vida os corpos dos homens são frágeis. Ou sobre o vício, a enfermidade, a impotência e a punição

Cito, a seguir, a segunda vez que Pizan fala sobre o corpo em uma passagem presente no capítulo VII – *Como Cristina respondeu às três damas*. Cristina ainda mostra hesitação e questiona se possui as qualidades necessárias para executar a missão que lhe foi dada, qual seja, construir a Cidade das Damas:

Com minha mente fraca, não aprendi e não conheço a arte e as medidas, e ignoro o estudo teórico e a prática de construir. Mesmo admitindo que consiga estudar e

aprender todas essas coisas, como encontrar nesse *corpo frágil de mulher* a força de empreender uma tal obra? (PIZAN, 2006, p. 131, grifo meu)

Pizan mostra, nesta parte do livro, um corpo feminino que, apesar de hesitante, pode ser aperfeiçoado. Mas permanece, neste capítulo, uma incômoda (e, talvez, falsa) dicotomia entre a força e a fragilidade. Sobre esse ponto, muitas questões podem ser levantadas, como: o corpo frágil de uma mulher tem força suficiente para construir uma cidade? Entretanto, não seria mais correto afirmar que o contrário da força seria a fraqueza, e não a fragilidade? A força somente pode ser entendida como força física? Por que, então, Pizan coloca o contraste entre a falta de força e a fragilidade dos corpos das mulheres? Uma cidade necessariamente precisa de força para ser construída e para perdurar? E qual seria a utilidade da força em uma cidade? Aplicar as leis, combater os inimigos e impor a ordem? Ou a Cidade das Damas evoca um outro tipo de força para a sua construção e durabilidade?

“Frágil” que vem de *“fragilis”*, em latim, significa aquilo que é partido, é quebrado, é rompido. O que pode ser entendido também por aquilo que se fraciona, se fragmenta, perde a unidade. A fragilidade também é associada com a pouca resistência, pouco vigor e pouca duração. Se pensarmos na tradicional metáfora do corpo político, a fragilidade parece ser um grande problema, pois um corpo político frágil não sustenta a unidade, não resiste e não perdura.

Anteriormente, no capítulo IV, Dama Razão discorre com Cristina sobre os materiais fortes e resistentes que serão utilizados para construir a Cidade das Damas, fazendo com que esta cidade tenha um destino diferente da cidade de Tróia e de Tebas, e também do próprio Reino das Amazonas, que foi um Estado potente e governado por mulheres, que teve grandes conquistas e era conhecido por sua força, pois “semearam pânico nas terras vizinhas” (PIZAN, 2006, 127). Porém, como as outras cidades, o reino caiu em ruína e desmoronou.

Além de apresentar traços da humildade cristã em seu discurso, no excerto anterior, Cristina pontua como esse corpo frágil de mulher não teve acesso ao aprendizado, ao saber teórico em geral e ao saber prático sobre construção. Todavia, Cristina expõe que com a ajuda de Deus, nada é impos-

sível. E ela, que já foi estimulada pelas virtudes da Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça (que são filhas de Deus e possuem nascimento divino), expressa que se sente “mais forte e mais leve do que antes” (PIZAN, 2006, p. 131). Cristina afirma que pode estudar, aprender todas as coisas e sabe que os homens que maldizem as mulheres estão errados.

Entendo que ao enfrentar o problema da fragilidade que é associada ao corpo da mulher, Pizan escolhe discorrer e expor que existem fragilidades nos corpos dos homens também, mostrando que a fragilidade não é algo exclusivo do corpo feminino, mas é uma característica presente em mulheres e homens.

No capítulo VIII - *Aqui Cristina conta como iniciou, com a ordem e ajuda de razão, a cavar a terra para fazer as fundações*, Cristina escava a terra com a enxada da indagação. A metáfora da escavação está no sentido de que ela trabalha as fundações – que poderíamos entender também como as fundamentações – da cidade. A primeira fundação se resume em questionar a Dama Razão por quais razões os homens maldizem as mulheres.

Mas antes de continuar, é preciso frisar que toda essa discussão sobre os corpos perpassa o momento em que Cristina cava a terra para fazer as fundações e coloca as primeiras pedras da cidade. A terra e as pedras são elementos comumente associados com a materialidade, assim como o próprio corpo. É importante para Pizan discutir sobre os corpos, e mais especificamente, confrontar a ideia do corpo feminino inferiorizado criado pelos homens, para poder criar sólidas fundações para a sua cidade. No sentido de que, a cidade construída a partir de um corpo inferiorizado não resistiria ao tempo e aos contínuos ataques dirigidos às mulheres. Contudo, destaco que a Dama Razão também fala dessa terra onde vai ser construída a Cidade das Damas como o “Campo das Letras”. Tal campo é descrito como uma terra rica e fértil, onde abunda muitos frutos, doces rios e coisas boas. Um campo que pode germinar um mundo novo, uma cidade nova, fortificada e eterna.

Pergunto-me: a materialidade da terra e da cidade parece diminuir quando Pizan associa a ideia da terra e da cidade com as letras? Talvez não, se compreendermos como os discursos repetidos exaustivamente são incorporados em nossa sociedade e que o engajamento intelectual (que nunca é meramente intelectual, mas que reflete as trocas de saberes dentro de uma

comunidade) é importante para a construção de novas práticas⁷. E também quando Pizan destaca a fertilidade, a germinação de plantas e frutos, ela dá a entender que essa terra provê alimentos. Alimentos que conseguem nutrir um corpo e fazer germinar uma cidade.

A Dama Razão começa a explicação sobre por que os homens maldizem as mulheres dizendo que alguns homens tiveram boas intenções ao criticar comportamentos luxuriosos e a depravação das mulheres, com o objetivo de impedir que os homens se desviem do caminho certo. Mas essas boas intenções não os desobrigam de não generalizar o comportamento das mulheres e prejudicar aquelas que são virtuosas.

A Dama Razão diz que a natureza das mulheres é simples, comportada e honesta, que a mulher depravada e perversa é uma coisa monstruosa⁸, uma fraude, e que Cristina deve rejeitar do seu canteiro de obras essas pedras sujas e grosseiras, pois não servem para a construção da sua bela cidade⁹. Mais adiante, a Dama Razão cita mais motivos que levaram os homens a maldizer as mulheres:

Outros homens condenaram as mulheres por outras razões: uns por causa de seus próprios vícios, *outros devido a enfermidade de seu próprio corpo*, outros por pura inveja, outros ainda porque adoram maldizer. Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontraram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já se foi dito. (PIZAN, 2006, p. 133, grifo meu)

⁷ Penso nessa questão com base nas reflexões expostas no livro *Feminist Epistemologies* (1993) de Linda Alcoff e Elizabeth Potter.

⁸ É preciso destacar como a figura do monstro é usada no medievo como instrumento de difamação e propaganda política. Especialmente as rainhas foram chamadas de monstros, denotando um tipo de feminilidade inapropriada para representar o corpo político. Ver, por exemplo, as obras de John Knox, Anthony Gilby, Jean Bodin, François Hotman, George Buchanan, Giuseppi Passi, entre outros. Pizan também expressa seu desconforto com a monstrualização das mulheres no início de *A Cidade das Damas*, quando diz que existe uma lista longa de filósofos, poetas e moralistas que defendem a ideia de que as mulheres são más e inclinadas ao vício. E isso fez com que Cristina chegasse a desprezar a si mesma e a todas as mulheres, como se as mulheres fossem “monstros por natureza”. Contudo, destaco a contradição da filósofa quando ela utiliza a mesma estratégia retórica ao atribuir o corpo monstruoso às mulheres não virtuosas.

⁹ É notável como Pizan também constrói na sua obra uma estética dos corpos, ideia que não desenvolvo neste texto. Mas podemos perceber uma reflexão estética da beleza associada às virtudes quando a Dama Razão chama as mulheres não virtuosas de “pedras sujas e grosseiras”, “coisa monstruosa” que não serve à “bela cidade”. Posteriormente no texto, ressalto como Pizan também destaca a feiura e impotência dos corpos masculinos.

A Dama Razão segue explicando cada um dos motivos apresentados. Primeiro ela aborda o caso dos homens que maldizem as mulheres devido aos seus próprios vícios. A Dama comenta sobre os homens que perderam a sua juventude na depravação, envelheceram no pecado e se perderam na promiscuidade. Esses homens tiveram os sentidos congelados pela Natureza e se tornaram impotentes, pois não podem mais realizar seus desejos. Eles se tornam amargurados e passam a gastar o seu tempo difamando as mulheres, “pois eles acreditam assim que estão repugnando os outros” (PIZAN, 2006, p. 134). A Dama continua dizendo que a linguagem desses homens é “lúbrica e devassa” e apresenta o exemplo de Mateolo, quem disse ser ele mesmo “um velhote cheio de concupiscência, mas impotente” (PIZAN, 2006, p. 134).

Essa explicação da Dama Razão sobre os homens com vícios aponta para o processo de envelhecimento dos homens, e mais especificamente, para um aspecto específico da sexualidade masculina: a impotência sexual dos homens. Não cabe falar sobre esse tipo de impotência no corpo das mulheres, consequentemente, as mulheres podem viver uma vida de vícios, mas não viveriam essa amargura e repulsa em relação aos outros, justamente porque elas não passam por esse tipo de impotência que os homens vivem, o que também pode ser entendido como um aspecto da fragilidade dos corpos dos homens.

A Dama razão continua a explicação discorrendo sobre os homens que possuem debilidades em seus corpos. Primeiro, ela distingue os velhos depravados que são como “leprosos incuráveis”¹⁰ dos anciãos honrados que são perfeitos em virtude e sabedoria. Enquanto os anciãos honrados não generalizam os vícios, “os homens motivados pela *debilidade de seus corpos* são impotentes e com membros deformados”. (PIZAN, 2006, p. 134, grifo meu)

Esses homens buscam a vingança por causa da impotência de seus corpos e essa vingança se constitui em “privar os outros do prazer que *seu*

¹⁰ Destaco novamente como Pizan tenta contrastar a ideia de que o corpo masculino é superior ao mostrar a decadência desses corpos, a impotência, a doença e a velhice depravada. Aqui Pizan parece revelar também certo preconceito quando compara a depravação com a Hanseníase, uma doença que transforma visivelmente a pele do corpo humano e que fez com que muitas pessoas sofressem por conta do estigma social que essa condição carregou ao longo da História.

próprio corpo lhes recusa” (PIZAN, 2006, p. 134, grifo meu). Observando essas passagens, ainda não possuo uma interpretação sobre o que Pizan quer dizer em relação aos “membros deformados” dos homens e se isso seria um pensamento da época que hoje consideramos capacitista¹¹. Ademais, Pizan parece mostrar alguma preocupação com a sensibilidade do corpo, o usufruto do prazer e o desejo sexual. Um corpo debilitado, deformado e impotente pode levar à frustração, à inveja e amargura. E mais do que tudo, Pizan mostra que não é só o corpo das mulheres que podem ser associados a certas debilidades.

Em seguida, Dama Razão comenta sobre os homens que sentem inveja de mulheres mais inteligentes e que mostram condutas mais nobres que os homens, bem como, dos homens que são maldizentes por natureza e que adoram criticar todos. Desses últimos, a Dama explica que eles agem contra a razão, por não considerarem os benefícios que as mulheres trazem para a sociedade; e contra a Natureza, pois não procuram aquela que seria a sua metade, a fêmea. Aqui, nesse último sentido, Pizan parece adotar, em relação aos seres humanos, a noção datada de corpo animal e a distinção natural e complementar entre fêmeas e machos¹².

No capítulo IX, *Aqui trata de como Cristina cavou a terra, quer dizer, as questões que ela fez à Razão, e as respostas dessa última*, Dama Razão e Cristina continuam conversando sobre os homens que sucumbem às vaidades corpóreas e prazeres da carne e difamam as mulheres. Dama Razão cita o exemplo de Ovídio, que foi exilado, castrado e punido na pele pela sua má conduta, e de Cecco d’Ascoli, que apresentou uma hostilidade monstruosa em relação às mulheres e que pagou por isso morrendo na fogueira.

Cristina também pede a opinião de Dama Razão sobre o livro *Do segredo das mulheres*¹³, cujo conteúdo sustenta que as mulheres são acometi-

¹¹ Capacitismo é a discriminação ou preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência.

¹² É preciso destacar que Pizan também tensiona essa perspectiva de uma natureza complementar entre homens e mulheres em diversos pontos da sua obra quando defende as virtudes e a capacidade intelectual e política das mulheres. Isso possibilita que elas realizem qualquer tipo de atividade. Entendo tal como Earl Jeffrey Richards (1996), que enxerga nessa contradição uma estratégia retórica de Pizan, que ora combina o masculino e o feminino como contrários essenciais e complementares, ora apresenta que a identidade reflete a soma total das condições da vida de uma pessoa.

¹³ A autoria do livro até hoje permanece incerta, mas se cogita que seja de Alberto Magno (1200-1280).

das por grandes defeitos em suas funções corporais. Dama Razão responde que o livro traz um conteúdo fantasioso, que não é verdadeiro; e a Dama continua dizendo, ironicamente, que se dizem que o autor do livro é Aristóteles, é difícil imaginar que um grande filósofo tenha escrito tamanha asneira. Ela também acrescenta que as mulheres podem partir da indução da realidade e da experiência para deduzir que os outros argumentos expressos na obra são mentiras¹⁴.

Para concluir este tópico, destaco como Pizan está atenta à questão de uma suposta debilidade e fragilidade do corpo da mulher. Em contraposição, Piza realça o corpo masculino que é punido por conta dos seus vícios. Não há superioridade em relação aos corpos condenáveis e castigados. Logo, os corpos masculinos que agem de forma contrária às virtudes podem ser objeto de punição, e, portanto, são corpos expostos à uma situação de fragilidade. Para além do vício, do processo de envelhecimento, da impotência sexual e debilidade dos corpos, os castigos corporais como a castração, o deslocamento forçado e a carbonização do corpo na fogueira representam provas da fragilidade desse corpo masculino que difama as mulheres. A partir dessas colocações, Pizan parece argumentar que não podemos concluir que a fragilidade de um corpo é o que qualifica este corpo como inferior ou superior, mas que os corpos dos homens e das mulheres vivem situações de fragilidade.

3 A criação teológica do corpo das mulheres. Ou sobre o corpo de Eva

Depois de escutar sobre a fragilidade dos corpos masculinos, o ponto que preocupa Cristina e que faz ela indagar a Dama Razão é que o autor da obra *Do segredo das mulheres* afirma que é por “debilidade e fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe torna-se o de uma mulher, [e] o autor diz [ainda] que mesmo Natureza tem vergonha de ter feito uma obra tão imperfeita quanto esse corpo” (PIZAN, 2006, p. 137).

Chegamos na parte do livro em que a discussão sobre certas crenças acerca da criação teológica do corpo das mulheres entra em cena. Pizan bus-

¹⁴ Saliento como, geralmente, a empiria e a indução também são elementos que se sobressaem pela sua relação com o corpo, enquanto a razão e a dedução são mais relacionadas com a mente.

ca confrontar as ideias que identificam que a debilidade do corpo das mulheres não é algo accidental ou contingente, mas vem desde o momento da sua criação. Trata-se de uma discussão que parte, especialmente, dos debates teológicos da época e abrange o corpo de Eva.

A Dama Razão discorda dessa ideia a partir dos seguintes argumentos: a Natureza, sozinha, não poderia agir de tal forma, pois ela tem autoridade inferior a Deus; que a mulher, representada pelo corpo de Eva, foi criada segundo a vontade de Deus a partir da costela do corpo de Adão, e porque a costela fica na parte lateral (e não na parte inferior), Adão deve amá-la e Eva deve ser sua companheira e não sua escrava¹⁵; que a mulher e o homem foram formados a partir da imagem de Deus e essa imagem não é de um corpo físico humano, mas de uma alma que espelha eternamente a imagem de Deus, e que habita de forma idêntica tanto o corpo da mulher quanto do homem.

Nessa passagem destaco a importância da discussão sobre certas crenças acerca da criação do corpo das mulheres (encarnadas em Eva) e a suposta inferioridade desses corpos; e sobre a criação do corpo dos homens (encarnados em Adão) e a alegação da superioridade masculina. A forma como o corpo é criado determina o lugar hierárquico que assumirá na sociedade, seja pela ordem temporal em que foi construído (por primeiro ou segundo lugar), pela matéria do qual esse corpo foi feito (da terra ou da costela) ou ainda pela forma que habita esse corpo (a alma e a imagem que ela representa).

Pizan tenta subverter a ideia da superioridade de Adão sobre Eva ou dos homens sobre as mulheres, afirmando que a alma habita tanto as mulhe-

¹⁵ Santo Agostinho (354-430), por exemplo, expõe em *Confissões*, no Livro Décimo-terceiro, capítulo XXXII – A criação, que a mulher possui igual natureza racional e inteligência que o homem, porém, seu corpo foi criado do homem e para o homem, o que faz com que a mulher o deva obediência e seja sua dependente. Santo Agostinho também afirma que como o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, ele é senhor de todos os animais irracionais. Já Tomás de Aquino (1225-1274), em *Suma Teológica*, Questão 92: sobre a produção da mulher, afirma com base no livro *Da geração dos animais* de Aristóteles, que como a mulher é um macho falho, ela não deveria ter sido produzida por Deus na primeira instituição das coisas, pois nada houve de falho e deficiente neste momento. Mas ela foi feita por ser necessária para realizar o trabalho da procriação, que tem no homem um princípio ativo e na mulher um princípio passivo. E como a mulher foi feita a partir da costela do homem, ela não foi formada imediatamente por Deus, como foi o homem. Aquino também afirma que a mulher é submissa ao homem por sua natureza particular (e não por uma natureza universal que depende de Deus), pois o homem possui maior discernimento de razão.

res quanto os homens. A Dama Razão traz um sentido diferente para a discussão quando afirma que os corpos das mulheres e homens são formados a partir da imagem de Deus, mas não na imagem do corpo físico, e sim, de uma alma que não é corporificada. E explica que Deus não havia ainda tomado a forma física humana (em Jesus, um corpo masculino e santo), por isso não haveria ainda essa possibilidade de uma alma representa o corpo físico masculino.

Entendo que o argumento da alma utilizado por Pizan traz um aspecto de “neutralidade” importante para os corpos, pois, se a imagem de Deus já fosse a imagem de Jesus, um corpo materializado do sexo masculino, haveria uma abertura para dizer que, desde a criação, o corpo masculino é superior ao feminino e mais ligado ao divino. Para Pizan, essa alma neutra quanto ao sexo e descorporificada de Deus que confere algum sentido de igualdade aos corpos das mulheres e dos homens, pois ela denota a presença idêntica de Deus sobre esses corpos.

Seguindo o texto, Dama Razão localiza o corpo da mulher (a partir do corpo de Eva, o corpo cristão feminino), afirmando que esse corpo foi criado por Deus (quem), em um lugar específico que é o paraíso terrestre (onde) e foi feita de uma matéria nobre que é do corpo do homem que também foi criado por Deus (como). Essa localização proposta por Pizan difere da interpretação teológica predominante que confere uma inferioridade do corpo de Eva, comumente associado ao corpo pecador, à origem do mal, com a punição e a culpa. E junto com a argumentação em defesa da neutralidade da alma, Pizan busca refutar a ideia da debilidade do corpo feminino desde a sua criação.

4 O que dá autoridade ao corpo é a virtude e não o sexo ou a força

No mesmo capítulo IX, Cristina cita Cícero, que disse que os homens “não devem servir” às mulheres, pois elas são “menos nobres”. Começa a aparecer na obra de Pizan a relação entre os corpos e a ideia de autoridade. A Dama responde Cristina abordando a relação entre os corpos sexuais e a virtude:

O maior é aquele ou aquela que tem mais méritos. *A excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes.* E bem-aventurado aquele que serve à Virgem, ela que está acima de todos os anjos. (PIZAN, 2006, p. 139, grifo meu)

Dama Razão revela que o sexo dos corpos não define a excelência das pessoas, mas sim a busca da perfeição dos costumes e das virtudes, os méritos. Logo após, ela também exalta a autoridade da Virgem Maria, que está hierarquicamente acima de todos os anjos. Essa exaltação da Virgem Maria é importante, pois ela é a rainha e autoridade política da Cidade das Damas.

Essa passagem mostra três argumentos muito importantes da obra de Pizan: primeiro, que nenhuma pessoa pode ser considerada inferior por causa do sexo do seu corpo; por segundo, que servir ou obedecer a ordem de uma pessoa ou a autoridade que uma pessoa tem sobre outrem não está vinculada ao sexo do seu corpo, mas à perfeição dos costumes e virtude; e, terceiro, que a força física, sozinha, não é um critério válido para atribuir autoridade a alguém.

Com esses argumentos Pizan consegue sustentar a ideia de uma Cidade das Damas, governada a partir da autoridade política de uma mulher, a Virgem Maria¹⁶. É necessário lembrar que vários escritos da antiguidade e do medievo trouxeram em seu bojo um conteúdo difamatório sobre as mulheres que também abrangia o âmbito político. A debilidade dos corpos das mulheres também serviu para articular a inaptidão das mulheres para governar, para ter autoridade política, para agir de forma virtuosa, especialmente, com prudência e para representar o corpo político.

Outro ponto importante dessa passagem é como Virgem Maria é escolhida para reinar a Cidade das Damas. A Dama Razão explica para Cristina que se a humanidade foi rebaixada por culpa de Eva, ainda assim, este foi um pecado que permitiu a união da humanidade com a divindade; e mesmo que queiram dizer que Eva representa a associação da mulher com o pecado

¹⁶ Neste sentido, Pizan inova ao se contrapor à teoria patriarcal e defender a autoridade política feminina, mesmo que de forma limitada às mulheres da nobreza. Karen Green (2005 e 2006) e Sarah Hanley (1997 e 1998) são estudiosas que abordam esta questão do pensamento de Pizan.

ou a maldade, é com Maria que a natureza humana é elevada à divindade novamente. Dama Razão não recrimina a conduta de Eva e elogia a história de Maria. Além disso, a virtude de Maria e o pecado de Eva mostra que, assim como os homens, existem mulheres de todos os tipos, com comportamentos mais ou menos virtuosos, que não podem ser generalizados.

Posteriormente no texto, no capítulo X – *Propósitos e palavras trocadas sobre o mesmo assunto*, aparecem outros exemplos de discursos que buscam associar o corpo feminino com um corpo fragilizado e vicioso, que não abordarei, pois entendo ser mais importante chegar ao último tópico do meu texto, que trata da relação dos homens e das mulheres com o poder judiciário.

5 A força do corpo masculino e a sua relação com o poder judiciário

No capítulo XI – *Cristina pergunta a razão por que as mulheres são excluídas do judiciário, e a resposta*, Cristina pergunta para a Dama Razão por que “as mulheres não discutem diante de tribunais, não instrui os processos, nem dão as sentenças? Dizem os homens que teria sido pela má conduta de uma certa mulher em um tribunal” (PIZAN, 2006, p. 147).

Dama Razão apresenta os seguintes argumentos para responder à pergunta: primeiro, ela expõe que essas são coisas ditas de má-fé; segundo, que não temos como saber as causas e as razões de tudo e nem o filósofo Aristóteles conseguiu responder tudo em suas obras; terceiro, que Deus estabeleceu para cada sexo “uma atividade diferente”, e cada sexo possui “a natureza e inclinação necessárias para cumprir seus deveres, mesmo se a espécie humana *muitas vezes abusa* do que lhe foi confiado” (PIZAN, 2006, p. 146-147, grifo meu).

Ademais, a Dama explica que Deus deu aos homens a “força física, a coragem de ir e vir e falar sem temor” (PIZAN, 2006, p. 147) e por isso eles são responsáveis pelas leis e pela prática da justiça no mundo, porque se alguém recusar obediência “à lei estabelecida, promulgada conforme ao Direito, tem que ser detido pela *força do corpo e potência das armas*; tal execução que as mulheres não poderiam *nunca* fazer” (PIZAN, 2006, p. 147, grifo meu).

A interpretação que proponho a partir dessa questão é que quando Pizan fala em “força do corpo”, ela trata da metáfora do “corpo político” junto das suas leis, armas e poder judiciário, etc. Pizan entende que o corpo político com o seu aparato jurídico necessita da força dos corpos masculinos e potência das armas para executar as suas leis. E mesmo que muitas mulheres excedam a sua natureza, esse é um trabalho que é mais facilmente exercido pelos corpos dos homens. Contudo, Pizan parece dar a entender que um trabalho fácil não é a mesma coisa que um trabalho meritoso.

Entendo que o argumento da filósofa parte da necessidade desse corpo político e jurídico ser potente, executar as leis e usar armas para assegurar a obediência. Mas é importante distinguir que uma coisa é executar a lei, outra coisa é executar a lei por meio da força física e das armas. Talvez, o corpo político que ela imagina na criação da Cidade das Damas não utiliza a força física como um critério privilegiado. Como foi exposto no tópico anterior, o critério definido por Pizan é que a excelência não pode ser inferida do sexo dos corpos (e nem da força), mas da busca pela perfeição dos costumes e virtudes.

Retomo aqui o capítulo VI – *Cristina conta como a terceira dama revelou quem era (...)*, quando a Dama Justiça se apresenta para Cristina e fala que tem a medida certa para julgar o que cada um merece, mas que “os homens daqui debaixo têm outra medida, que eles dizem ser o mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam” (PIZAN, 2006, p. 129). Dama Justiça continua dizendo que os homens citam a virtude da justiça em seus julgamentos, mas a medida deles “*nunca é justa*” (PIZAN, 2006, p. 129, grifo meu). Entendo que, de alguma forma, a virtude da justiça, no pensamento de Pizan, não pode ser reduzida a aplicação da lei por meio da força física e das armas, ao trabalho dos juízes e ao judiciário.

Dama Razão comenta que as mulheres possuem “inteligência muito viva” e que “não seria conveniente, visto a honestidade que lhes é própria, elas irem procurar discussão diante de juízes” (PIZAN, 2006, p. 147). Pizan expressa que os homens falam sem temor enquanto as mulheres falam com honestidade. Sobre esse aspecto, a virtude da justiça parece estar mais ligada com a honestidade do que com a força física.

Essas reflexões me levam a pensar que o caráter belicoso do mundo jurídico, cuja função é resolver conflitos entre as partes e crimes variados, não harmoniza bem com a ética das virtudes de Pizan e com o projeto de uma cidade pensada para as mulheres, já que, tradicionalmente, no corpo político pensado e representado pelos homens (pois eles são os juízes e os governantes), para garantir a obediência é necessário a utilização da força física e certa flexibilização da virtude da honestidade.

Outro ponto que retomo do livro para fundamentar minha interpretação está no capítulo III – *Aqui Cristina conta como aquela que se dirigia (...)*, momento em que a Dama Razão se apresenta para Cristina e conta qual é o propósito da aparição das três damas, que é ajudar Cristina a construir uma fortaleza aonde as mulheres se retirem e se defendam dos numerosos agressores. E Dama Razão continua:

As mulheres foram por tanto tempo abandonadas sem defesa, como um campo sem cercado, sem que nenhum herói viesse socorrê-las; e no entanto, segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. Mas por negligência ou indiferença aceitou-se que elas fossem maltratadas. Não é de se espantar que seus inimigos invejosos – e os insultos desses caluniadores que por diversas formas lhes atacaram – terminaram levando a vitória em uma guerra desamparada, sem defesa. Pois, a maior fortaleza cairia rapidamente se não fosse defendida, a causa mais injusta seria ganha se deixada correr à revelia, uma vez defendida sem a outra parte (PIZAN, 2006, p. 125).

Entendo que Pizan faz uma correlação entre a difamação categórica que os homens fazem sobre as mulheres com a guerra e a injustiça. Pizan expande estrategicamente a narrativa da guerra para tratar da violência política dirigida às mulheres. Ela discorre que o corpo político governado tradicionalmente pelos homens as mulheres foram difamadas e maltratadas, e não foram defendidas pelos homens nobres. Os homens levaram a vitória nessa guerra injusta que não deu oportunidade de defesa às mulheres. Nem o judiciário nem a força física dos homens foram capazes de proteger as mulheres. Portanto, na perspectiva de Pizan, não é a força física nem o judiciário que serão relevantes na cidade onde as mulheres podem ser protegidas

das agressões e da violência. A defesa que Pizan propõe não é a mesma que os homens utilizam.

Mas se as mulheres não executam as leis por meio da força, Dama Razão diz que a experiência prova que as mulheres possuem entendimento suficiente para aprender as leis e que possuem vocação natural para a política e a ordem pública. A Dama fala sobre mulheres ilustres que reinaram e das viúvas que dirigiram seus próprios negócios “dando prova inegável de que *qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente*” (PIZAN, 2006, p. 147, grifo meu).

Se em um momento a filósofa parece acreditar que o judiciário não é uma atividade para as mulheres exercerem, logo a seguir, ela diz que não existe nenhuma atividade que uma mulher inteligente não possa fazer, que as mulheres podem aprender leis e possuem vocação natural para a política. De acordo com o excerto anterior, não haveria motivo para que as mulheres fossem proibidas ou incapazes de atuar no judiciário no pensamento de Pizan. Entendo que essa aparente contradição pode ser mais uma evidência da tensão entre a virtude como critério para autoridade política e a força física como o critério tradicionalmente aplicado no âmbito jurídico do corpo político.

Por fim, quero ainda reforçar este argumento trazendo o debate presente no capítulo XIV – *Mais debates e argumentos entre Cristina e Razão*. Neste capítulo, Cristina questiona se a noção do corpo fraco das mulheres e a privação de força física incide na perda de valor e autoridade do sexo feminino. Os homens costumam dizer que quanto mais um corpo é imperfeito, menos caráter ele tem.

Dama Razão, novamente, diz que essa é uma conclusão errada, porque quando a natureza dá algum aspecto imperfeito a um corpo, ela recompensa esse mesmo corpo com um dom maior do que aquele que ela privou. Como exemplo, a Dama cita Aristóteles, um homem esteticamente muito feio, com um olho mais baixo que o outro, com uma fisionomia estranha, mas que foi recompensado com a capacidade de pensar. O imperador Absalão também era um homem feio, baixo e de corpo nada robusto, mas que teve grande coragem¹⁷. Segundo a Dama Razão, nossos dons diferem e resi-

¹⁷ Mais uma vez Pizan revela as imperfeições e fragilidade dos corpos masculinos.

dem em nosso interior e não na força do corpo ou dos membros. Ela continua dizendo como podemos observar com frequência a existência de homens grandes e fortes, mas fracassados e vis, e outros que são pequenos e fracos, mas também ardis e vigorosos.

A Dama acrescenta que Deus e a Natureza prestaram um grande serviço às mulheres fazendo-as fracas, pois assim elas não cometem tantas crueldades horríveis, homicídio e crimes em nome da força. E muitos homens teriam tido uma vida melhor se aqui na Terra tivessem um corpo fraco. Novamente Pizan aponta para a relação entre o judiciário, a lei, o crime e a força. E reforça que a fraqueza ou a fragilidade não significa menor autoridade.

Dama Razão complementa que se as mulheres não têm a mesma força física que os homens conforme a vontade de Deus, isso não significa que as mulheres sejam completamente desprovidas de força e audácia. Segundo a Dama, muitas mulheres demonstraram força, coragem e robustez “para empreender e realizar muitas coisas, como fazem os homens importantes, valerosos e importantes conquistadores, dos quais os escritos falam tanto” (PIZAN, 2006, p. 152).

A partir desses excertos, entendo que parece haver uma distinção no pensamento de Pizan entre a criação dos corpos por Deus e os diversos dons que os corpos recebem da Natureza. Esses dons da natureza parecem estar ligados às virtudes, ao passo que Pizan entende que a criação de um corpo masculino forte por Deus não garante que esse corpo será virtuoso ou receberá muitos dons da Natureza. Ela diz que até os corpos de homens considerados fracos fisicamente podem ser virtuosos e os corpos de homens fortes podem ser não virtuosos. Tal argumentação ressalta mais uma vez a tese de que a autoridade do corpo não está no sexo ou força física, mas no exercício das virtudes.

E, por fim, Pizan busca explicar que não é porque as mulheres não possuem, no geral, a mesma força física que os homens que elas não possuem força em seus corpos ou até mesmo que não ajam de forma virtuosa. Existe uma conclusão apressada e errônea em quem faz tal tipo de afirmação. A suposta fraqueza física ou fragilidade do corpo de uma mulher não pode ser utilizada como justificativa para que ela seja considerada um ser inferior ao homem ou sem autoridade política.

Considerações finais

Com este trabalho, procurei mostrar como a discussão sobre os diferentes sentidos atribuídos ao “corpo” são importantes para a compreensão da obra *A Cidade das Damas*, especialmente, como Pizan aborda a construção de um corpo feminino que foi inferiorizado pelos homens e a idealização do corpo masculino. Pizan também mostra a fragilidade dos corpos dos homens e se insere na discussão teológica defendendo o corpo de Eva. Mais importante ainda é frisar a defesa que Pizan faz do argumento de que a autoridade do corpo não provém da força física ou do sexo, mas do aperfeiçoamento dos costumes e das virtudes.

Por fim, busquei demonstrar como parece haver uma tensão no pensamento da filósofa entre a obediência e aplicação das leis por meio da força física e das armas e o aperfeiçoamento das virtudes como critério para atribuir autoridade a um corpo.

Recebido em 28/11/2021

Aprovado em 30/11/2021

REFERÊNCIAS

ALCOFF, L.; POTTER, E. (ed.) *Feminist Epistemologies*. New York: Routledge, 1993.

CALADO, L. E. F. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. 2006, 368 p. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GREEN, K.; MEWS, C. J. *Healing the Body Politic: the Political Thought of Christine de Pizan*. Belgium: Brepols, 2005.

GREEN, K. Isabeau de Bavière and the Political Philosophy of Christine de Pizan. *Historical Reflections / Réflexions Historiques*, v. 32, n. 2, p. 247-272, Summer. 2006.

HANLEY, S. Mapping Rulership in the French Body Politic: Political Identity, Public Law and the King's One Body'. *Historical Reflections/ Réflexions Historiques*, v. 23, p. 129-149. 1997.

HANLEY, S. The Politics of Identity and Monarchic Government in France: The Debate over Female Exclusion. In: SMITH, H. (ed.). *Women Writers*

and the Early Modern British Political Tradition. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 289-304.

KELLY, J. Early Feminist Theory and the ‘Querelle Des Femmes’, 1400-1789. *Signs*, v. 8, n. 1, p. 4-28. 1982.

KERN, L. *Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

NEDERMAN, C. J. The Living Body Politic: the Diversification of Organic Metaphors in Nicole Oresme and Christine de Pizan. In: Green and Mews, *Healing the Body Politic*, 2005.

NEDERMAN, C. J. Christine de Pizan expanding the body politic. In: *Lineages of European Political Thought – Explorations along the Medieval/ Modern Divide from John of Salisbury to Hegel*, 2009.

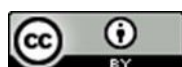
PIZAN, C. *A Cidade das Damas*. In: CALADO, Luciana E. de Freitas. A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006, 368 p. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PIZAN, C. *The Book of the Body Politic*. New York: Cambridge University Press, 1994.

RICHARDS, E. J. Rejecting Essentialism and Gendered Writing: The Case of Christine de Pizan. In: CHANCE, Jane. *Gender and Text in the Later Middle Ages*. Gainesville: University Press of Florida, 1996.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).